

O COMMERCIO DE BARCELLOS

SEMANARIO MONARCHICO

DIRECTOR E EDITOR--J. G. Paes de Villas-boas
Redacção e administração--Rua D. Antonio Barroso, n.º 46

Propriedade--EMPRESA DE «O COMMERCIO DE BARCELLOS»
Composição e impressão--Rua D. Antonio Barroso, n.º 46

Incoherencias

Attentando na obra, processos e doutrinas do partido republicano, desde que é governo, chega-se a uma conclusão irrefutavel—a de que se apossou do governo para assim melhor dar cabal e pratica prova da sua incapacidade.

A incoherencia, que caracteriza todos os seus actos, se por um lado revela a nulla sinceridade da sua propaganda, em que prometiam aquillo que nunca podiam dar, mostra, por outro lado, o quanto a vaidade pôde cegar os mais illuminados cerebros, quanto pôde o mando, na embriaguez do seu exercicio, fazer diminuir, apagar mesmo, não só o senso pratico, a consciencia dos deveres sociaes, mas até as proprias qualidades pessoais dos ascendidos.

Nenhum, dos muitos que conhecemos, escapou á regra geral, a essa fundamental lição de philosophia que um proverbio portuguez nos da, quando previdentemente nos affirma que: «se queres conhecer o vilão, mette-lhe a vara na mão.»

Intelligentes, uns, mediocridades, outros, inferiores, muitos d'elles, uns por audacia, outros por habilidade, e ainda outros por subserviências, lá se foram arranjando, na rigorosa e muito portugueza significação que o nosso povo sabe dar ao verbo «arranjar.»

Nos tempos da opposição, um de talento tomava a chefia, e, em redor d'elle, á sua sombra, os talentos d'emprestimo medravam, todos porfiando na pratica do elogio mutuo, á custa de que as reptuções se firmavam.

Assim viviam, em identificação absoluta com esses admiravelmente edificantes processos, que tanto nomejaram ao partido republicano portuguez.

Mas, a par de toda essa vida intima, lá dentro do agrupamento ou da «intellectual sociedade», elles es-fallavam-se na proclamação dos mais liberaes e até demagogicos principios, entoando hymnos á «Fraternidade», e bramando, cheios de indignação, contra toda a distancia, ainda a mais indispensavel e natural, que pudesse separar os individuos e as classes sociaes, sob varios pontos e aspectos.

Todos fallavam assim. Fallava assim o partido republicano, estigmatizando a dictadura, fosse por quem fosse exercida. E, reverso de medalha, elles applaudem a dictadura, uma dictadura das peiores, porque não é a dictadura de um homem é a dictadura de uma oligarchia, sim de uma oligarchia, que sempre guerra de morte declarou a tudo quanto pudesse representar outra oligarchia, que lhe fizesse modar os impetus e... os appetites.

Em vez de oleiões pedem «barão e cutello», respondendo com o cacete absolutista ás justas reclamações de um povo que, ha quasi um seculo, conquistou á custa de muito sangue o direito do voto e que não pôde assim vêr-se esbulhado e, suprema ironia... por um regimen que se diz democratico.

E' assim que hoje procedem esses liberaes d'honrem, que nos comicios e manifestações publicas perturbavam a paz e a tranquillidade dos cidadãos. E se alguém necessitou, por qualquer motivo, dirigir-se a qualquer d'esses hoje investidos no mando, e se até elles conseguiram chegar através de mil formalidades, que, antes, o proprio Chefe do Estado dispensava, com certeza, veio de lá completamente elucidado e... sobretudo tendo perdido todos os restos de illusão que, porventura, social ou particularmente, pessoalissimamente mesmo, tivesse acerca de tão apurados e coherentes cidadãos. Coherentes, sim, porque «se queres conhecer o vilão, mette-lhe a vara na mão.»

Annibal Soares disse, ha dias, que bem os conhece. Tambem nós, tambem os conhecemos e a valer, se não mais, pelo menos, tão bem como elle.

E, tem Annibal Soares razão, estão todos «arranjados.»

Annibal Soares disse, ha dias, que bem os conhece. Tambem nós, tambem os conhecemos e a valer, se não mais, pelo menos, tão bem como elle.

E, tem Annibal Soares razão, estão todos «arranjados.»

Annibal Soares disse, ha dias, que bem os conhece. Tambem nós, tambem os conhecemos e a valer, se não mais, pelo menos, tão bem como elle.

CONSULTORIO MEDICO
Largo da Igreja

Mattos Graça } Miguel Fonseca
Das 9 ás 11 m. } Das 11 á 1 t.

NOTAS

Para Gôa ou Timor

Da «Era Nova», em extracto de sessão municipal:

O sr. vice-presidente, entende que, vista a sentença da Auditoria do Districto que condemnou a camara na questão Mattos Graça, se auctorisasse o advogado a levar recurso para o Supremo Tribunal Administrativo.

Fundamenta este seu parecer com varias citações, que demonstram a vantagem de recorrer da sentença do auditor, tanto mais que á camara, segundo a sua opinião e d'alguns accordãos que conhece, lhe assiste todo o direito, e, ainda, por que, em caso contrario, a camara seria altamente lesada.

Por isso, a camara delibera recorrer e fazer sentir ao Governo quanto ella foi victima d'uma manifesta parcialidade da applicação da lei.

N'este sentido dirigiu um officio ao Ex.º Sr. Ministro da Justiça.

Isso, isso, fazem muito bem.

E' assim mesmo, ao sr. Ministro da Justiça, para que mande para Gôa ou para Timor o merecissimo juiz auditor.

Porque essas costumeiras de acatar o poder judicial já não se usam. Recursos? Para que?

E' mais simples assim. Fez muito bem o sr. vice-presidente do municipio e ultimo administrador da Ominosa em Barcellos.

E de veír mais longe: Mande outro officio ao sr. ministro do interior para que transfira para Humpata o sr. governador civil de Braga, que foi advogado contra a camara na questão referida.

Estes adhesivos são mesmo... um appetite.

Velhas formulas

Da «Era Nova» órgão republicano local.

«...deinadamente circuncrito ás velhas formulas...»

Que fórmulas? As do caciquismo eleicoeiro de cujo conhecimento o collega (tã) sobejas provas deu em Fama-lição?

Um rei

O mesmo semanario diz que nós, os monarchicos, andamos á procura de um rei. Ora essa!

Nós temos Rei, caro collega. Pois não sabe que Sua Magestade o Senhor D. Manoel, que se encontra passando uma temporada em Inglaterra, é Rei de Portugal?

E já que o esclarecemos n'este ponto tambem o vamos esclarecer n'outro. E' que Sua Magestade ficou conhecendo a dedicação dos seus leaes servidores, em cujo numero não viu excesso de generosidade incluir o sr. Alpoim, chefe querido e adorado do director da «Era Nova» e que como elle sempre se perturbava nos taes extremos de commoção!

A dissolução da Mesa da Santa Casa da Misericordia

Já estava composto o nosso ultimo numero quando recebemos a noticia da dissolução da mesa administrativa da Santa e Real Casa de Misericordia de Barcellos.

Nada perdemos com o silencio forçado, porque hoje podemos dizer mais alguma coisa, e até dar aos nossos leitores a copia de alguns documentos que, só por si, fallam muito mais alto do que todas as considerações e criticas que, livremente, pudemos fazer, se acaso vivéssemos num regimen em que existisse alguma coisa a que se pudesse chamar liberdade de imprensa.

Não fomos nós, monarchicos, surprehendidos com a noticia da dissolução.

Por demais sabemos a orientação do regimen, e por demais temos bem deante dos olhos esses exemplos que todos os dias nos é dado vêr e que, em dia penhum, nos é permitido apreciar livremente.

E se por demais sabemos tudo isto, não menos sabemos a orientação muito especial e particular d'esse grupo, hoje chamado partido republicano barcelloense, que identificado com esses processos que são hoje o «pão quotidiano», vae mais longe ainda na sua furia facciosa, com uma differença unica—lá em cima, são convictos republicanos, d'esses a quem chamam historicos, e aqui em Barcello é a adhesivada, as varreduras d'essa limpeza a que se procedeu nos varios partidos monarchicos locais.

Era a gente dos processos politiquieiros mais mesquinhos e vergonhosos, os regedoriaes, que praticavam, dentro dos partidos em que militassem, o mais puro e dissolvente caciquismo de odios, de malquerenças e de perseguições.

Sabiamos nós, muito bem, quaes os sentimentos e intenções dos republicanos locais, apoiados e incitados pela tropa adhesiva, todos porfiando em requintar as bellezas da liberdade, em que tão inundados vivemos ha tres mezes, que até estamos soffrendo a sensação de afogados, a cada dia esperavamos a noticia da dissolução da Mesa «para o bem da Republica», como é de burocratico uso, quando, com maior corteza, se quer assegurar o silencio absoluto da critica, ameaçada de sentir os mimos de qualquer d'esses libera-lissimos decretos e não menos liberaes determinações policiaes, de que o «Diario do Governo» é hoje fertil e inexgotavel manancial.

Alguns ingenuos, dos poucos que a provisoria experiencia ainda não accordou, diziam-nos que a dissolução se não realisava; porque elles não podiam atrever-se a tomar sobre os hombros a grave responsabilidade de, por meros caprichos, vaidades e odios mesquinhos, acarretarem importantissimos prejuizos para a Santa Casa.

Tinham alguma razão os nossos ingenuos amigos. A mesa dissolvida vinha prestando relevantes serviços á Misericordia, administrando com escrupuloso zelo e honestidade e mettendo hombros á empreza da reconstrução e adaptação do velho hospital, obra de vulto, que, além de absolutamente necessaria em vista das deploraveis e ruinosas condições do velho edificio, collocava o hospital de Barcellos em condições de hygiene a mais perfeita e até de conforto e belleza.

Para essa obra, a mesa conseguiu auctorisação superior para contrahir um emprestimo na propria casa. Munida d'essa auctorisação ella trabalhou e, com a protecção de um dos seus membros, o benemerito sr. Antonio Lopes Leal, conseguiu donativos na importancia de 4:800\$000 de réis, tendo esperanças, muito seguras e fundadas, de obter maiores quantias, de fórma que a obra nada custaria á Casa e um pouco mais além se iria do que a já grande e importantissima, obra em execução.

Assim era, com effeito. Mas nós, conhecendo por demais a epocha e o meio, não duvidavamos de que a violencia seria executada muito em breve, ainda que a Misericordia perdesse com isso, além de uma administração inexcusable, alguns contos de réis de donativos em via de consecução, além do quanto tal medida faria afugentar a caridade dos beneficeiros.

A gente sensata da villa, a grande maioria, assim pensava. Mas, que importava isso? Chamavamos nós ingenuos aquelles que viviam na illusão de que as auctoridades ou dirigentes do partido republicano se preocupavam com as coisas minimas que apontamos.

Pois tambem nós fomos ingenuos e muito ingenuos. Esperando o golpe a todos os momentos, nós pensavamos em que para o acto buscaríamos uma coloração que attenuasse a sua violencia, uma coloração qualquer, ainda que fosse a côr dubia, inexplicavel, incomprehensivel, mas indiscoverivel do «bem da Republica.»

Era isto o que esperavamos, expresso em documentos que a auctoridade exporia, estregando as mãos como qualquer regedor faccioso dos ominosos tempos, a dentro do seu gabinete, entre os amigos, correligionarios e companheiros, talvez, de adhesivagem, mas apresentando em publico uma attitude diplomaticamente polida, affectando essa serena e absoluta imparcialidade,

que deve caracterisar toda a acção do poder.

Tal não succedeu, como vamos vêr.

O caso é um perfeito e acabado quadro de caciquismo regedorial transmontano dos tempos da ominosa, emoldurado em qualquer coisa que os leitores talvez encontrem no meio de tudo isto.

Das pessoas que representam a auctoridade, iriamos dizer que não estavam fadadas para tal, se não soubéssemos que no governo da Republica são nomeados para os cargos os cidadãos, que mais competencia tem para elles, não sendo permitido a qualquer de nós, sobretudo thalassas, aventar sequer a hypothese de—as linguçadas vaidades d'esses cavalheiros haverem, quicá, alterado a respectiva ideosyncrasia, transformando-os, tornando-os diferentes d'esses perfectissimos seres a que a Republica confiou o exercicio do mando.

Porque o facto da embriaguez produzida pelo mando é caso muito commum, e até quasi um axioma.

—Em 30 de dezembro re-cobria o digno Provedor da Santa Casa o seguinte officio:

Barcellos, 30 de dezembro de 1910
Ao Ex.º Provedor da Santa Casa de Misericordia
Barcellos.

Pelo Ex.º Governador Civil d'este districto e em virtude de proposta minha, foi dissolvida a Mesa da vossa presidencia, sendo nomeada, por alvará de 20 do corrente, a nova Commissão Administradora d'esse pio instituto, a qual deverá tomar posse no proximo dia 1 de janeiro, pelas 12 horas da manhã.

O unico fundamento d'esta minha proposta está nas varias irregularidades por mim encontradas na ligeira inspecção a que procedi, e das quaes conclui que tem havido, além de prejuizo sensivel para esse pio instituto, falta de respeito pela Lei, o que, no regimen republicano, se não deve tolerar.

A resolução do Ex.º Governador Civil, constante do citado alvará, cumpre-me dar execução; e, por isso, espero que V. Ex.ª se dignará comparecer no referido dia e hora n'essa Santa Casa para conferir a posse á nova Commissão.

Saude e Fraternidade
O administrador do concelho,
Affonso Henrique Barbellos Pinto.

Em portuguez corrente o sr. Barbeitos Pinto, sob o selo da administração, chama aos mesarios, nem mais nem menos, do que ladrões, segundo o arguto administrador logrou descobrir n'uma ligeira inspecção a que procedeu, e na qual declarou verbalmente, em plena secretaria da Misericordia, que «sabia muito bem que os administradores da Misericordia eram cavalheiros incapazes de prejudicar aquella casa.»

Dentre esses cavalheiros honestos a quem o sr. Barbeitos sem se atrever a precisar factos, faz insinuações graves sobre a sua honra, está o benemerito sr. Leal, o devotado mesario que, com um esforço respeitabilissimo e exemplar, trabalhou afanosamente para a Misericordia, conseguindo avultadissimos donativos e fazendo-os tambem avultados do seu proprio bolso.

E' assim que são apreciados os trabalhos do sr. Leal, é assim que são galardoados os serviços do benemerito mesario, que em toda a parte fazia uma devotada e intensa propaganda da nossa Misericordia, trazendo para aqui os melhores fructos d'ella colhidos, com um entusiasmo inexgotavel, sempre animado de melhores esperanças, sempre trabalhando, sempre conseguindo, e de cada vez augmentando com o obulo proprio, o obulo d'esses amigos, a quem elle instante e constantemente, pedia para a «nossa Santa Casa» e para os seus doentes e asylos.

E' doloroso ver como são apreciados os que trabalham honradamente, que são offendidos só porque não são republicanos, só porque não foram dar o espectaculo vergonhoso de uma adhesão a troco de qualquer coisa, muitas vezes até de... uma administração do concelho.

A Republica sancionou tudo isto, sancionou com o seu valor legal os odios e caprichos desorientados de um adhesivo ou grupos de adhesivos, talvez para assim fazer melhor... a nossa propaganda.

—Os dignos e honrados cavalheiros que compõem a mesa dissolvida enviaram ao Ex.^{mo} Governador Civil o seguinte requerimento:

Ex.^{mo} Sr.

Os abaixo assignados, que constituem a mesa da Santa e Real Casa da Misericordia da villa de Barcellos, por V. Ex.^a dissolvida, por proposta da auctoridade administrativa do respectivo concelho, veem requerer a V. Ex.^a uma escrupulosa e seria syndicancia á sua gerencia, porque aquella auctoridade não officio em que lhes comunica a referida dissolução escreve o seguinte:

«O unico fundamento d'esta minha proposta está nas varias irregularidades por mim encontradas na ligeira inspecção a que procedi, e das quaes conclui que tem havido, alem de prejuizo sensivel para esse pio instituto, falta de respeito pela Lei, o que, no regimen republicano, se não deve tolerar.»

Os supplicantes, que acima de tudo presam a sua honra e se julgam com direito a que lha respeitem, tendo a consciencia de que administraram a irmandade e seus institutos de caridade com probidade e mesmo com dedicacão, ao ponto de terem conseguido alguns contos de réis, para obras urgentes e uteis, que estão em construcção, sem que até agora tenha sido preciso recorrer aos capitais da mesma irmandade, e para cuja continuacão ainda deixam avultada somma, não devem ficar sob o laheo que lhes lança a auctoridade administrativa, como um veredictum sem appellacão nem agravo, proferido sem que se apontem as irregularidades, prejuizos causados á pia institucão ou violacão da lei, sem que os assim julgados por «uma ligeira inspecção» a que procedeu, tivessem sido convidados a dar sua defeza, que, em paz algum culto, o juiz mais infalivel e auctoritario, supprime ou nega ainda aos maiores criminosos.

Os supplicantes, que sempre respeitaram a honra alheia e estão crentes de que V. Ex.^a professa o culto d'esse respeito, usam junto de V. Ex.^a d'este direito de petição, convictos de que V. Ex.^a possue

elevado criterio e as superiores noções de justiça, que sempre devem ser o apanagio dos magistrados depositarios da auctoridade e do poder, e, que serão a melhor garantia do novo regimen.

Pedem a V. Ex.^a o deferimento.

Antonio Miguel da Costa d'Almeida Ferraz, Joaquim Goncalves Paes de Villas-Boas, Antonio Lopes Leal, João Carlos Vieira Ramos, Aurelio Ramos, Manuel Augusto de Passos, Manoel Joaquim Coelho Goncalves, Joaquim Goncalves da Silva Mattos, Manoel da Silva, João de Sousa, Augusto Teixeira de Melo, Manuel Pereira da Quinta, José Pinto de Lima, Padre Alexandrino José Leituga e Domingos Jesé de Miranda.

Nenhuma esperanca temos, porque é manifesto o proposito de não querer fazer-se justiça.

O sr. administrador lança suspeitas gravissimas sobre a honra de cavalheiros respeitabilissimos e serios, que prestaram serviços á Misericordia. Propõe a dissolução, com o unico fundamento da existencia de irregularidades, de que tem resultado prejuizo para o pio instituto, accusando assim todos os mesarios, e entre elles o sr. Leal, a quem um magnate republicano local, ha pouco tempo ainda fazia os maiores elogios, solicitando o seu nome para a commissão, pedindo-lhe assim a pratica de uma indignidade, pedilo que só pôde ser desculhado pela razão de que, talvez, o dito magnate tenha, para seu uso, algumas normas de commodismo e elasticidade em materia de dignidade.

Mas quem levou o sr. administrador a passar a si proprio o diploma, a que tem direito quem subscrive o officio de communicacão?

Toda a gente sabe quantos odios e quantas más vontades animam contra á mesa o chefe republicano dr. Martins Lima e o presidente da commissão administrativa municipal dr. Cardoso d'Albuquerque, o primeiro dos quaes, faça-se-lhe justiça, sempre convicto republicano e o segundo, faça-se-lhe tambem, crêmos que igualmente, posto que com pouca clareza, nos tempos do antigo regimen.

Não hesitaram os dois referidos cavalheiros, logo que se lhes deparou a primeira occasião de satisfazerem os seus caprichos, ainda que isso custasse serios prejuizos á Misericordia e que, com isso, mais uma vez egualassem o seu partido aos grupos mais facciosos e mesquinhos dos ominosos caciques. E o sr. dr. Martins de Lima, não hesitou tambem em sacrificar a sua coherencia vindo hoje inspirar um documento em que se lançam graves insinuações sobre a mesa, a quem o mesario sr. dr. Lima elogiou, ainda ha pouco, n'uma acta em que os clinicos do hospital deram a sua plena approvacão ao projecto d'obras, documento que tambem contradiz fundamente uma carta que um grande magnate republicano enviou ha pouco tempo ao benemerito sr. Leal.

Processos velhos, dos mais velhos, esses que todos hoje condemnam, processo de odio mesquinho, de vingança estreita, são os que os srs. drs. Lima e Cardoso praticam sob a Republica, fazendo assim a propaganda pratica dos seus principios, e ao mesmo tempo, a nossa propaganda, porque toda a gente tem olhos e sabe ver.

O sr. Barbeitos, administrador, conquistou a sua corôa (queremos dizer, barrete phrygi) de gloria. E ao sr. governador civil evitamos referencias porque... as delusões custam muito.

—Mas, diga-nos o sr. ad-

ministrador, se é que sabe responder-nos: Qual é a auctoridade que procede baseada em «ligeiras inspecções»?

Em que regimen é licito accusar de faltas graves cavalheiros honestos, fazendo-se não uma accusação clara, precisando factos, mas sim insinuações vagas, redigidas em linguagem pouco propria de quem exerce auctoridade publica, mormente n'um regimen, que se proclama contrario ás grosserias em tempo usadas por auctoridades caciqueiras?

Como se pôde n'um regimen democratico condemnar sem ouvir defeza?

E' triste a situação do sr. Barbeitos Pinto. E nós nem sequer o podemos accusar de incoherente com os principios proclamados pelo partido republicano na opposição porque, n'esse tempo, o sr. Barbeitos era monarchico.

Eis aqui traçadas, nos estreitos limites da actual liberdade, algumas considerações sobre o acto de antimonarchismo praticado pela auctoridade.

Os irmãos da Misericordia, os barcelloenses e todos aquelles que tivessem, porventura, ainda alguma illusão já devem ter ficado... scientes.

CRITICAS

E' deveras interessante a insistencia com que os jornaes republicanos e até os adhesivos, tendo na sua frente o gordo sr. Alpoim nas suas cartas para o Janeiro, nos repetem quasi diariamente, que qualquer tentativa para uma restauração monarchica, seria uma enorme desgraça para o paiz, porque de tal tentativa não poderia deixar de resultar uma guerra civil, com todos os seus horrores, e, por ultimo, uma interença estrangeira, que nos faria perder a nossa independencia.

Parece-nos bem, que nenhum portuguez que ame verdadeiramente a sua patria, desejará vel-a envolvida n'uma guerra civil, sempre de resultados tão funestos, e muito menos que deseje a perda da nossa independencia.

E', pois, muito para louvar a attitudé patriotica d'esses jornaes. Simplesmente nos causa uma certa estranheza que, só agora, depois da implantação da republica em Portugal, haja tanto humanitarismo e tanto patriotismo da parte dos republicanos e mais adhesivos!

No tempo da Monarchia, quando esses patriotas d'agora, se entretinham por ali a fazer a propaganda mais dissolvente, quando procuravam por todos os meios ao seu alcance derrubar as instituições, nenhum d'elles se importava que d'essa propaganda da podesse resultar uma guerra civil e muito menos a perda da nossa autonomia.

N'essa occasião tudo servia, com tanto que d'ahi resultasse a queda da Monarchia! São muito humanitarios, tem horror a ver correr o sangue de irmãos, mas fabricavam bombas para destruir, para matar; são muito patriotas, mas não tinham receio de uma intervenção estrangeira nem da perda da nossa independencia!

Ha pouco mais de tres mezes pregavam a guerra; hoje dizem que o paiz carece de socego, de paz, de uma politica prudente e tranquilisadora.

Não seremos nós que, aqui,

n'este modesto jornal, aconselhemos, como outrora faziam esses patriotas, a guerra. Simplesmente queremos fazer o confronto entre o que faziam hontem, esses homens, e o que hoje aconselham.

Sempre incoherentes, estes republicanos!

X

A proposito da inauguração de um museu, a que deram o pomposo nome de Museu da Revolução, transcrevemos de dois jornaes republicanos, os seguintes e edificantes periodos:

UM RECANTO INTERNECEDOR—A SALA DE BUIÇA E COSTA

A ultima sala, uma grande saudade nos assalta, á vista dos dois retratos de Buiça e Costa. E' a sala dos regicidas, dos dois generosos rapazes que em 1 de fevereiro, golpearam com firmeza a dynastia.

A maxima simplicidade suggerindo a maxima saudade; sobre um tamborete forrado de vellado escarlate, a carabina e a pistola historicas, e, a um canto, cahindo ao abandono o varino do heroico professor, ao lado do seu chapéu, mais nada: apenas uns vasos de plantas — e a gente fica-se ali horas inteiras a recordar essas duas figuras, que tão fortemente ligaram o seu nome á historia d'esta patria redimida.

Os vivos, vencedores na lucta heroica que elles iniciaram, não esqueceram o feito de 1 de fevereiro, e, ali, n'aquelle recinto de recordações, quizeram que ficasse em pé o signal da sua gratidão e do seu reconhecimento.

(Do Mundo.)

A decoração d'esta sala é simples. Em redor vêem-se muitos vasos com palmeiras e outras plantas. Pelas paredes, entre outros, os seguintes disticos:

Escolheu bem, com que se alevantassee, Para que eternamente se illustrasse.

E aquelles que por obras valorosas Se vão da lei da Morte libertando.

Ao fundo d'esta sala vêem-se na parede os retratos de Buiça e Costa, tendo em baixo um cartão impresso com os seguintes dizeres:

As coisas arduas e lustrosas Se alcançam com trabalho e com fadiga; Faz as pessoas altas e famosas A vida que se perde e que periga.

Por debaixo d'este distico ergue-se uma especie de esqueleto forrado a velludo vermelho, onde assenta a carabina que Buiça e n'punhou na tragica tarde de 23 de janeiro. Rodeiam-a algumas cargas. Um pouco mais ao lado, vê-se tambem a pistola de Costa, com cargas espalhadas.

A um canto do esqueleto, e cahindo para o chão, está o gabom de Buiça, tendo ao lado o chapéu côco do regicida.

(Da Democracia.)

Se não soubessemos que o Mundo e a Democracia se publicam em Lisboa e que são dirigidos pelos srs. França Borges e Feio Terenas, havíamos de imaginar que estas cousas se tinham passado em Marrocos.

Ahi mas não insultemos os pobres marroquinos que em civilisacão e juizo estão um pouco acima de alguns povos que se dizem cultos!... E os estrangeiros a espreitarem-nos...

X

A proposito de accumulacões e accumuladores, dissemos nas nossas ultimas Criticas que o sr. dr. Sidonio Paes, accumulava o lugar de lente da Universidade com o de administrador da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes. Pois não dissemos a verdade. O sr. Sidonio

Paes não se contenta só com esses dois logarsinhos, embora elles não sejam de todo maus, pois só o segundo dá-lhe annualmente tres contos e pico.

Ahi vae a lista completa: Lente de mathematica em exercicio; Astronomo do Observatorio, em exercicio; Director da Escola Industrial Brotero, em exercicio;

Professor da mesma escola, em exercicio;

Vice-reitor da Universidade, quasi sempre em exercicio, pois o sr. Manoel d'Arriaga raras vezes lá está;

Presidente da Commissão municipal republicana, em exercicio; e

Administrador da Companhia dos Caminhos de Ferro Potuguezes, tambem em exercicio.

E se, mais logares houvera vagos mais seriam dados ao sr. dr. Sidonio.

E aqui está um felizão que não pode dizer mal da fraternidade republicana...

Tambem aqui dissemos que o sr. Duarte Leite, professor da Academia Polytechnica do Porto, havia sido nomeado membro da commissão executiva da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, mas que este, segundo diziam os jornaes, e talvez por coherencia, não aceitava tal logar.

Pois accéitou. Que elle a dizer a verdade, tres contos e tanto por anno, não é assim cousa de desprezar... mesmo n'estes democraticos tempos que vão correndo.

Xis.

CARTA DO PORTO

Meu caro director

Estou certo que, ao acabares de ler esta carta, torcerás tres vezes a orelha por teres accéitado o meu offerecimento. Agora já que cahiste n'essa patetica, tem paciencia, menino, e pede a tambem aos illustres leitores do teu esplendido semanario.

A minha enorme confiança e a minha enorme fé no regimen monarchico, fizeram-me escrever-lhe umas leves considerações, que, talvez a todos não agradem por serem insonsas, mas que todos creem ser a fiel traducção do que, thalassa ferrenho, eu sinto com a actual politica.

Porem, só esta minha confiança na Monarchia não chega, na verdade, para poder criticar as obras da Eugracia (as Santas foram suprimidas por um decreto e mais tres explicativos e elucidativos) do provisório governo da Republica Provisoria; completa o conjunto exigido, a incompatibilidade que as medidas do governo crearam com a maioria, grande maicria, dos portuguezes, atacando-a no que ella tinha, tem e terá de mais sagrado e em mais alto respeito: o seu Deus, a sua Patria e o seu Rei.

A obra dos implantadores do novo regimen está desde 5 de outubro, posta em scena com grande pessoal e luxuoso guarda-roupa. O titulo d'essa extraordinaria peça theatral, a que todo o «Mundo» assiste, e que tem actos de comédia que fazem rir, de drama que fazem chorar e de tragedia que... não podemos dizer o que fazem, é «A... Luminosa».

O effeito do cortejo de boas festas em homenagem ao governo provisório, e em que os oito ministros recebem os espontaneos cumprimentos do Povo, é de um comico irresistivel. (Alim de parecer muita gente, o cortejo entra pelo F. e saé pela D. tornan-

do a entrar pelo F. e a sahir pela D. e assim por diante). O jantar, que um embaixador estrangeiro offerece ao supradito cujo octogono de capacidades phrygias, termina com um serie de brindes que despertam a franca gargalhada.

Para mim, porem, o acto dramatico é o mais flagrante de toda a obra. Um pobre operario, a quem, nos comicios, nas associações secretas e nas columnas do «Mundo», os amigos do Povo lhe prometiam paz, felicidade, alegria, liberdade e riqueza, vê-se com mulher, com filhos, sem trabalho, infeliz, triste, sem um pão para comerem e com o crédor á porta. E o pobre operario, n'uma bel a tirada, dirige-se a esses homens que o enganaram, essa imprensa que lhe exigia 10 reis para ointrujar; chora a sua sorte e a loucura com que gastou tostões e tostões das suas férias em retratos dos paladinos da liberdade, dos futuros redemptores da Patria.

E esse desgraçado, victima da sua ignorancia tão habilmente explorada pelos amigos da instrucção, não pode, não poderá confessar a sua desgraça; espera-lo-hia um tal diluvio de liberdades que, fatalmente, acabaria por afogal-o.

A peça termina por a apothose á Saude e Fraternidade; e enquanto, por traz dos reguladores, se queimam fogos de vistas illuminando a scena, um velho de barbas brancas, muito meigo, muito risonho, certifica ao estrangeiro incredulo que todos estão riantes em Portugal; de nada temos falta; nem de respeito mutuo, nem de dinheiro, nem de vergonha e senso, nem mesmo de adhesivos como Padre Mattos e Malaquias.

O panno caé; apagam-se as luzes; e o publico saé do spectaculo (que hoje tem mais um quadro novo) opprimido, migoado, ferido nas suas crencas e nos seus ideaes; sente bem a verdade do acto dramatico, o ridiculo do acto comico e a tristeza de a peça estar em scena. Sente, enão, bem funda, bom sincera, a saudade da «A... Ominosa» peça que se representou no mesmo theatro e que caiu por alguns espectadores a terem pateado, sem que o resto do publico a tivesse applaudido bastante. E' que o resto do publico, os bons portuguezes que querem, para esta Patria tão desprezada, o respeito de todas as nações pela sua irreprehensivel honestidade e pelas suas sãs ideias; que querem que se dê aos crentes e aos descrentes a maxima liberdade, não obrigando catholicos a ficarem sem o auxilio indispensavel da Religião, nem obrigando os descrentes a professarem qualquer Religião; e que querem, sobretudo, e que exigem o respeito mutuo, arvore que de todo seccou n'este torrãozinho, tão fecundo quando se chamou Reino de Portugal; esses portuguezes contrarios á perseguição, á violencia, apenas não postaram dum unico acto d'essa outra peça; foi o acto em que o Paé abandona os amigos, não ouve os conselhos dos velhos experientes e, levado por mão invisivel, entrega a administração dos bens e da tutela dos seus filhos a um criminoso que conseguira chegar aos seus pés promovendo arruaças, lançando o desacredito e ameaçando-o, de braço dado com os seus inimigos.

Foi esse acto que fez cair a peça. A outra fa-la-ha cair o acto comico. O Ridiculo mata-los-ha.

Pelo que vês, meu caro director, fazias bem melhor se não tivesses accedido o offerecimento.

Accetei um abraço do teu amigo.

Tony.

A "Era Nova"

Este «orgão do partido republicano local», publica uma noticia da dissolução da Mesa da Misericordia.

Nessa noticia, em que nos surprehe de ver como republicanos cavalheiros, que, ha minutos, nos declaravam a firmeza das suas crenças monarchicas, o localista pretende attenuar os effeitos da gaffe administrativa.

Está a «Era» collocada n'um pessimo terreno e, apesar de proclamar-se «nova», mais uma vez se nos revela muitissimo velha.

Já n'outro logar dizemos o que se nos offerece acerca do officio da auctoridade, e isso basta para mostrar a infelicidade da «Era» quando pretende justificar o acto do sr. administrador.

E' conveniente frizar dois pontos.

O primeiro é a justiça que faz á honra individual ou colectiva da meza dissolvida.

O segundo é o cuidado que o localista tem de não tocar no celebre officio da auctoridade.

Quando ao mais, bem claro ficaria, se já o não estivesse, o proposito de cosinhar umas eleições livres para a futura meza, isto para que bem provada fique a egualdade republicana, pois é preciso que Barcellos não seja uma excepção á tambem republicana liberdade.

Mas, como a auctoridade, a «Era» faz insinuações sem precisar factos, sem formular accusações claras, — insinuações vagas, nem outra coisa podia fazer, faltando-lhe por completo razão e fundamento para accusações concretas.

Vae agora rebuscar, lá dentro, como o sr. João de Menezes lá por cima, a vér se arranja maneira de... inventar factos, o que está claro, não poderá conseguir.

Alem das vagas insinuações de carater geral, em que nos falta um cento de vezes em obsessão, n'essa obsessão que contra a meza e contra tudo o que cheira a thalassa, domina hoje o *adhesivo* director da «Era», vem elle lançar mais uma contra o dignissimo e incançavel provedor, dizendo que este respeitabilissimo cavalheiro pretendeu illudir a auctoridade.

Só quem não conhece o nobilissimo carater do sr. dr. Antonio Ferraz, ou aquelles a quem o odio e o facciosismo em tudo inspiram, é que osariam accusar o ex-provedor da Misericordia de pretender illudir quem quer que seja.

Sobre este assumpto recebemos do sr. dr. Ferraz a carta que em seguida publicamos.

Meu caro dr. Joaquim Paes:

N'uma noticia com a epigrapha «Santa Casa da Misericordia» e publicada no n.º 12 do semanario local «Era Nova», entre algumas affirmações a que eu nenhuma importancia devo dar, ha uma que, por desprimorosa e, até, offensiva dos meus brtos de homem de bem, não posso nem devo deixar sem o meu mais vehemente protesto.

E' quando o localista diz: «Alem d'isso, sobremaneira, mal o impressionou (ao sr. administrador do concelho) uma declaração do sr. provedor, ácerca do referido projecto (projecto de reconstrução de parte do edificio do hospital), e a que se revelava um manifesto proposito d'illudir a auctoridade, não tanto por

espírito de deslealdade, conforme o julgamos, mas por effeito de uma obsessão lamentavel, de qua toda a meza enfeitava e que, por si só, bastava para a relegar da gerencia que exercia».

Ora isto não é verdade, porque tenho a certeza absoluta de que, ás perguntas que o sr. administrador me dirigiu, quando, em novembro passado, fez uma inspecção á secretaria da Misericordia d'esta villa, a todas respondi com a maxima lealdade e exacção. Nem o contrario se pode admittir, porque tal procedimento não se coaduna com o meu character, nem o sr. administrador deixaria, por certo, de m'o fazer sentir, se eu tentasse, por qualquer forma, illudir-o com declarações que não fossem a expressão da verdade. Appello para o testimunho de sua ex.ª e para o de todos os cavalheiros que, na occasião, se achavam presentes.

Por este motivo, permitta-me, meu caro amigo dr. Joaquim Paes, que eu, por intermedio do seu «Comercio de Barcellos», empraze o referido localista da «Era Nova» a vir dizer qual foi a declaração por mim feita ao sr. administrador do concelho em que manifestei o proposito de o illudir.

E, pela publicação d'esta carta, desde já se confessa muito grato o Seu dedicado amigo Antonio Ferraz.

NOTICIARIO

Recolhimento e Officina do Menino Deus

O sr. dr. Joaquim Paes, vice-provedor da mesa dissolvida da Misericordia, abandonou o cargo de presidente da commissão administrativa do Recolhimento e Officina do Menino Deus, em consequencia da dissolução referida.

Por absoluta falta de espaço somos obrigados a retirar todo o original em que tratavamos d'este assumpto, que tem aspectos muito curiosos.

No proximo numero diremos o que se nos offereça, publicando todos os documentos preciosos que possuímos, e que os leitores apreciarão, fazendo-lhe todos os comentarios que nós não podemos fazer, por causa das *enormes liberdades* de que gosamos.

Tambem o sr. João de Sousa, activo e diligentissimo secretario da mesma commissão, enviou ao sr. governador civil um officio, nas mesmas condições. Foi-lhe igualmente devolvido pela razão de ser agora pela Republica prohibido, aos cidadãos, dirigirem-se a qualquer auctoridade, a não ser pelas taes vias competentes.

O sr. João de Sousa enviou tambem aos seus collegas um officio em que justifica a sua resolução, fundando-se nos mesmos motivos que o sr. dr. Paes.

Pre-tamos homenagem ao recto o digno proceder do sr. João de Sousa, de quem só isso podiamos esperar.

Carta do Porto.

Começamos hoje a publicação de uma chronica semanal, com o titulo de Carta do Porto.

O nosso novo collaborador, Tony, é um moço cheio de talento, que, com todo o ardor de um crente, ama devotamente os principios monarchicos.

Muito illustrado, o seu espirito soube orientar-se sempre por bases seguras e sãos principios, sem jámais ter commettido o peccadilho do anarquismo na adolescencia. Vem temperar as suas primeiras armas no «Comercio de Barcellos», e, pela amostra, já ficamos seguros do futuro que tem direito a esperar.

Seja bem vindo, que muito gratos lhe ficamos.

Poderá saber-se?

E' uma pergunta muito simples. O sr. administrador tem continuado a *substante* tarefa de syndicar as confrarias, da villa, como se dizia ser sua intenção, quando foi inspecionar a Santa Casa da Misericordia?

Hum!... Está-nos a parecer que temos ainda muito que palestrar com o sr. Barbeitos de Monsão, a respeito d'esta historia de syndicancias a confrarias. Oh, se temos!...

No Gil Vicente

Como aqui noticiamos, teve logar na noite da ultimo domingo, no nosso theatro, o sarau promovido pela corporação dos sargentos do 3.º batalhão d'infanteria 3, em beneficio das victimas da revolução de 5 de outubro.

O espectáculo, que teve uma boa concorrência, agndou, sobretudo pelo correcto desempenho das duas comedias, «Macacos no sotão» e «Grande e horrivel crime», muito bem interpretadas pelos sargentos do batalhão, que receberam fartos applausos.

Discursaram os srs. José Mendes Alçada, então ainda 1.º sargento, e o sr. Antonio d'Azevedo, que tambem foram applaudidos.

Os estimaveis academicos srs. Manuel Paula Ramos e Francisco Caravana, recitaram algumas poesias, sendo ambos muito festejados.

A magnifica banda d'infanteria 8 tomou parte no sarau, executando primorosamente alguma peças do seu vasto repertorio e merecendo justos applausos da numerosa assistencia.

Calendario

O nosso estimavel amigo sr. Aurelio Ramos, conceituado commerciante n'esta villa, brindou-nos com um lindo calendario de parede para o corrente anno, reclame aos Grandes Armazens de Fazeidas de que é proprietario.

Os nossos agradecimentos.

Fallecimento

Em resultado de um parto laborioso e prematuro, falleceu no ultimo sabbado, em Santa Maria de Gallegos, a sr.ª D. Amélia Rodrigues dos Santos Corrêa, esposa do sr. Francisco Alberto de Souza Corrêa e nora do sr. Chrysogno Corrêa, proprietario do estabelecimento thermal do Eirôgo e digno conductor municipal.

O funeral da inditosa senhora, que contava apenas 20 annos de idade, realisou-se n'aquella freguezia na ultima segunda feira, sendo, em seguida, o seu cadaver trasladado em carro funebre para Braga, ficando inhumado em jazigo de familia, no cemiterio d'aquella cidade.

A toda a familia enlutada apresentamos os nossos pezaes.

«Barcellos»

Com este titulo, e o substitulo de «monarchico», começou a sua publicação, no dia 1 de janeiro, mais um novo collega local.

Vem enfileirar ao nosso lado, occupando esse posto de honra, que tantos, tão vergonhosamente abandonaram.

Apresenta-se bem redigido, animado de sincero e convicto enthusiasmo pela causa da Monarchia.

E' seu director o sr. dr. Reis Maia, novel advogado n'esta comarca, já experimentado nas lides jornalisticas, em que revelou bellas qualidades de intelligencia e estudo. O «Comercio» já tem sido honrado com a sua collaboração.

A propriedade e administração do novo semanario pertencem ao sr. Joaquim Araujo, um monarchico de puras e inalteraveis crenças, que occupa um dos primeiros logares no commercio d'esta praça.

Ao novo collega e companheiro, os nossos melhores cumprimentos e a expressão do nosso desejo de uma longa, muito longa e prospera vida.

Espectaculo

Annuncia-se para o dia 15 do corrente um espectáculo no nosso theatro Gil Vicente, pelo «Grupo dos Trinta», gremio dramatico constituido por amadores, da Povoá de Varzim.

Comercio

Participam nos os srs. Luciano de Pinho da Silva Campos, de Vianna do Castello, e o nosso amigo e patricio José Duarte de Sousa, ha annos conceituado empregado commercial no Porto, que por escriptura publica livrada nas notas do tabellião sr. dr. Luiz Novaes, se constituiram em sociedade, sob a razão social de Camps & Duarte, para exploração do negocio de fazendas e artigos de palheta, no Porto, rua Candido dos Reis, 97.

Os novos commerciantes são dignos da sympathia do publico pelas suas excellentes qualidades moraes e aptidões, sendo um d'elles, o sr. José Duarte de Sousa, nosso conterraneo, muito estimado n'esta villa, aonde conta innumeros amigos.

Desejamos-lhes todas as prosperidades.

Bombeiros Voluntarios

Commemorou hontem o 27 anniversario da sua fundação a prestante Associação dos Bombeiros Voluntarios de Barcellos.

Por esse motivo houve, como de costume, diversas manifestações de regosijo, que em nada desmereceram do brilho com que aquella sympathica corporação costumava festejar os seus anniversarios.

Bem desejavamos dar hoje aqui uma noticia circunstanciada d'essas festas, mas como nos escaceia o espaço, somos obrigados, bem a pesar nosso, a deixal-a para o proximo numero do «Comercio».

Ao «Radical»

Registamos as declarações com que este nosso collega nos responde.

Agradecemos as explicações que nos dá quanto aos sentimentos de correção que o animam.

Quanto a todos esses cavalheiros que o collega leu e que tanto adora, temos a dizer-lhe que estivemos, ahí pelos 16 annos, quasi papados pelas taes vistosas doutrinas.

Mas soubemos ver a tempo e, hoje, conhecemos-os de gingeira.

Tambem cá chegará o collega e, se não acredita, o futuro o dirá.

Promoção

Pela ultima ordem do exercito foi promovido a sargento ajudante e collocado no regimento de infanteria 2, em Lisboa, o sr. José Mendes Alçada, estimado 1.º sargento d'infanteria 3, que ha annos fazia serviço no 3.º batalhão do mesmo regimento, a quartelado n'esta villa.

Os nossos parabens.

Banda da Officina

A banda da Officina-Azylo teve hontem a gentileza de cumprimentar esta redacção, dando nos as boas-festas em nome da Commissão Administradora e dos internados do Recolhimento e da Officina-Azylo do Menino Deus.

Com os nossos agradecimentos pela penhorante gentileza, tambem os nossos sinceros votos pelas prosperidades d'aquellas sympathicas instituições.

Festividade

Na passado domingo, por iniciativa do rev. coadjutor sr. padre Manoel Vaz d'Almeida Torres e com o auxilio valioso da confraria do SS. Sacramento, realizou-se, na igreja Matriz d'esta villa, uma lusida festividade, como solemnisção final dos exercicios da Virgem da Conceição e ainda da festa da Circuncisão.

Houve, da parte de manhã, missa solemne com exposição, e de tarde, sermão pelo rev. Manoel Gonçalves, digno parochio de S. Vicente d'Areias, Te-Deum e Benção. Presidiu a esta festa o sr. conselheiro Mgr. Domingos José de Souza.

A musica, tanto de igreja como de rua, foi a dos Bombeiros Voluntarios que se houve, como sempre, muito bem.

Dia a dia

Fazem annos

Hoje, a ex.ª sr.ª D. Aurora do Carmo de Paula Santos e o sr. Francisco Maria Peixoto Vieira.

Amanhã, o sr. João Carlos Coelho da Cruz.

Dia 11, o sr. Joaquim da Cunha Velho Sotto Mayor.

Dia 13, a ex.ª sr.ª D. Julia Albertina de Castro Antas.

Tem passado um pouco incommodada de saúde a ex.ª sr.ª D. Rosa Maria do Lago Felgueiras Gays, nona e mãe do nosso

presadissimo amigo sr. Visconde da Ferrença.

Desejamos o completo restabelecimento da illustre senhora.

—Tambem teve de recolher ao leito com um ataque de rheumatismo, o nosso querido amigo e director sr. dr. Joaquim Gonçalves Paes do Villas Boas.

Fazemos votos pelas suas melhoras.

—Veio a Barcellos, com pequena demora, o nosso distincto amigo e patricio sr. Conde de Villas Boas.

—Tambem esteve n'esta villa na ultima quinta-feira o sr. José de Azevedo Menezes, da illustre casa do Vinhal, Famalicão.

—Passou alguns dias n'esta villa a ex.ª sr.ª D. Amelia Luiza de Mattos Graça.

—Regressou a Barcellos o sr. dr. Belleza dos Santos, distincto advogado.

—Tambem já regressou de Coimbra com sua ex.ª esposa, o sr. dr. Oliveira Pinto, illustrado advogado n'esta comarca.

—Esteve ha dias em Barcellos o nosso presado amigo sr. dr. Alberto Sepulveda, advogado e notario em Famalicão.

—Com pequena demora esteve n'esta villa o nosso amigo sr. José Nosoliny da Silva Leão, distincto alumno da faculdade de direito na Universidade.

—Com sua ex.ª esposa passou alguns dias em Barcellos o sr. dr. Abundio da Silva, director do «Correio do Norte».

—Esteve em Braga o sr. conselheiro Sá Carneiro, abalizado advogado n'esta comarca.

—Vimos em Barcellos na ultima quinta-feira o sr. dr. José Trocado, da Povoá do Varzim.

—Esteve hontem em Vianna do Castello o nosso presadissimo amigo sr. dr. Vieira Ramos, antigo deputado da Nação.

—Retirou novamente para a Povoá de Varzim o sr. padre Secundino Machado.

—Regressou de Lisboa o sr. dr. Pinto Ribeiro, illustrado delegado d'esta comarca.

—Vimos hontem n'esta villa o nosso estimavel patricio sr. Joaquim da Silva Campos, abalizado capitalista residente em Braga.

Casa

Aluga-se na Rua Faria Barbosa n.º 23.

Para ver e tratar falar com Antonio Pereira da Costa em casa do Conde de Villas-Boas.

VILLA COVA

Manoel Rodrigues de Souza, da freguezia de Villa-Cova, concelho de Barcellos, offerece o seu prestimo aos seus amigos e patricios, em S. Bento, Rio Grande do Sul—Brazil.

LOJA DO PO VO

—DE—
João de Sousa

RUA D. ANTONIO BARROSO BARCELLOS

SEMPRE:

Magnifico sortido de flannels pretas, piquets, diagonaes e casimiras de cor, para fatos de sobrecasaca, casaca frak e palletot.

Única collecção de phantasias para vestidos, etc. Flannels, chitas, morins, pannos crus, riscados, etc., etc. Completo sortido de miudezas e tecidos para forros

em compre sem ver o sortido d'est casa, que tem per sempre:

Vender barato para vender muito.

PHARMACIA DA SANTA E REAL CASA DA MISERICORDIA DE BARCELLOS

Edificio do Hospital

Director—Abelino Ayres Duarte

Pharmaceutico de 1.ª classe pela Universidade de Coimbra

—Esmerado sortimento de todos os artigos que guarnecem uma boa pharmacia. Agencia de seguros.

Companhia de Seguros

— «Fraternidade» —

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital—200.000\$000 reis

Setimo anno de bonnus aos srs. segurados

Est companhia effectua seguros maritimos e terrestres a preços razoaveis. Tem agentes em todas as localidades da provincia do Minho.

Sede em Braga.

Agente em Barcellos.

Eduardo Illydio Vieira Ramos

Adubações accomodadas ás culturas

Alem de marcas feitas para muitas culturas existem á venda das melhores casas de Lisboa os «componentes» de todas as adubações apropriadas ás diversas culturas:

Nitrato de sodio
Sulfato de ammonio
Superphosphatos de cal
Phosphato Thomaz
Chloreto de potassio
Sulfato de potassio
Gesso, etc. etc. etc.

Ha sempre o maximo escrupulo na preparação dos adubos encomendados para que os seus effectos sejam seguros.

Prestam-se esclarecimentos quando sejam precisos ou exigidos para a applicação d'estes mesmos adubos.

Pedidos a

JOAQUIM GONÇALVES DA SILVA MATTOS

Metro e medidor official da Camara Municipal de Barcellos

RUA FARIA BARBOSA, 49

Todos os adubos consumidos nos ultimos dois annos, —por signal com extraordinarios resultados— tem sido fornecidos exclusivamente pela importante e acreditadissima Casa Herold & C.ª de Lisboa.

Pharmacia e Drogaria

CARLOS MARIA VIEIRA RAMOS

Pharmaceutico

Rua Barjona de Freitas—Barcellos

— Serviço permanente

Deposito de productos chimicos e pharmaceuticos nacionaes e estrangeiros—Agua mineral—Algalias—Fundas—Seringas—Irrigadores—Thermometros—Muitas outras especialidades.

Um plotto sortido de tintas, oleos, alvaiades, vernizes, pincéis, etc.—Medicadão dos preços—Pulverisadores dos melhores

etc.

O „MUNDO ELEGANTE“

Illustração Universal

DIRECTOR—A. de SOUSA

Magnifica publicação de litteratura e modas

Edição completa ou dois numeros por mez, sendo um consagrado a modas e musica e outro a litteratura, bellas artes, theatro viagens, etc.

Redacção e administração Paris Rue Bergere, 30-bis

Encyclopedia das Familias

Revista illustrada de instrucção e recreio

A encyclopedia mais util e economica que se publica em Portugal. Cada anno de 12 numeros.—800 reis, numero avulso, 100 reis. Toda a correspondencia deve ser dirigida ao editor Manoel Lucas Torres, rua Diario de Noticias, 93—Lisboa.

A MODA ILLUSTRADA

Jornal das familias

Publicação semanal

Directora—D. Leonor Maldonado

Explendido jornal de modas contendo, em magnificas gravuras a preto e coloridas, todas as novidades em chapéus, toilettes, phantasias e confecções tanto para senhoras como para crianças.

Moldes cortados em tamanho natural.

Cada numero «Moda Illustrada» é acompanhada de um nume-

ra do «Petit Echo de la Broderia», jornal especial de bordados em todos os generos.

80 e 100 reis por semana no acto da entrega.

Assigna-se em todas as livrarias e na do editor Antiga casa Bertrand—José Bastos

Rua Garrett, 75 LISBOA.

ANTIGA CASA MARQUES

SUCCESSOR

Manoel Joaquim Coelho Gonçalves

Rua D. Antonio Barroso—(Antiga Rua Direita) —BARCELLOS—

Completo sortido de ferragens nacionaes e estrangeiras. Ferro T e arame para ramadas. Arcos de ferro para vasilhas. Camas de ferro, lavatorios e colchões. Carboneto, tintas e vidros. Sulfato de cobre e enxofre.

Pulverisadores de todos os systemas Ferro e aço de todas as dimensões, para ferro e Carvão de forja. Legitimos «Gobet» e «Vermorel». Bambus e demais accessorios. Ferragens completos para limpadores, arados e esmagadores. Arados e charruas de ferro. Bicos e parafusos para as mesmas. Charruas e bombas aos preços da fabrica. Agente das celebres bombas de pressão «Klein» Prensas para espremer bagaço, systema «Mabbili» e outros. Cofres á prova de fogo. Preços modicos. Qualidade garantida.

Agua de S. Vicente—(Entre-os-Rios)

E' poderosa a sua acção nas affecções chronicas dos orgãos respiratorios, estomago, figado, intestinos, aparelho urinario e pelle.

Esta estancia e Grande Hotel de S. Vicente abertas de 27 de maio a 15 de outubro.

Deposito em Barcellos

Pharmacia

Carlos Maria Vieira Ramos

«O Commercio de Barcellos»

SEMANARIO MONARCHICO

Redacção, administração e typographia:

Rua D. Antonio Barroso, 45

ASSIGNATURAS:

[Pagamento adiantado]

Barcellos:) trimestre.....	300 reis
) semestre.....	600 »
No Paiz) trimestre.....	360 »
) semestre.....	720 »
Brazil) anno.....	2\$400 »

PUBLICAÇÕES

Annuncios, cada linha....	30 reis.
Repetição.....	20 »
Communicados, linha.....	40 »

—Os srs. assignantes tem 25 % d'abatimento.

—Annuncios litterarios, gratis, mediante um exemplar á redacção.

—Annuncios-reclame annuaes, contracto especial.

Grandes armazens de fazendas

—de—

Aurelio Ramos

O mais importante estabelecimento do Minho e que mais barato vende.

Largo da Porta Nova e Rua Barjona de Freitas—Barcellos

TUDO MAIS BARATO

Do que em parte alguma

Ninguem compre nada sem ver os novos preços, com desenhos Casa de mais de 100:000 artigos - Freire-Gravador, grandes reduções em tudo.



Peçam gratis o novo catalogo geral n.º 3 que acaba de ser publicado, que deve existir em todas as casas, consta de Talheres, Carimbos, Ferragens, Papelaria e prensa de copiar. Livros em branco. Colleiras, navalhas de barba e todos os artigos de barbeiro, anéis, agua de pintar o cabelo, numeradores, typographias portateis, letras e chapas esmaltadas, fogareiros a petroleo e alcool, filtros, balanças, fogões para quarto, machinas de manteiga, carne e amendoa, ferros de frisar, carteiras, mallinhas e monogrammas em prata, dourador em casa, ganchos para roupa, lacre, ferros para selar a chumbo, candieiros, ratoeiras, barbeiro em casa, binoculos, canetas com tinta permanente, moinhos para café, sobonete de tirar nodos, crepons, esporas, sellos em branco, aparelhos de gymnastica, campainhas, galheteiros, machinas para cortar cabelo, brinquedos, facturas, bilhetes talões, rotulos a côres, retratos a crayon — tudo secções completas de todos os artigos no genero, com officinas, fabrica diversas, premiado com 3 medalhas de ouro, FREIRE-Gravador, Rua do Ouro, 158 e 164— LISBOA

BIBLIOTECA DE EDUCACAO NACIONAL

AS MENTIRAS CONVENCIONAES

DA NOSSA CIVILISACAO

Por Max Nordau

Traducção de Ngostinho Soares

Traducção mensal de elegantes volumes de duzentas paginas pela insignificante quantia de 200 reis em brochura, e 300 reis encadernado!!! Por tão insignificante quantia não se instrue quem não quer!

Condições d'assignatura, (pagamento adiantado por valle do correio ou em estampilhas postaes, por carta registada), franco de porte:

Anno, 12 volumes, brochado.....	2\$400
Meio anno, 6 volumes »	1\$200
Avulso.....	200

Anno, 12 volumes, encadernado.....	3\$600
Meio anno, 6 volumes, »	1\$800
Avulso.....	300

A' venda em todas as livrarias, correspondentes de provincia e no editor—ABEL ALMEIDA.

Rua, do Alecrim. 80 82—Lisboa.